


Alu Albuquerque
Barcelos 991

BARCELOS TERRA CONDAL CONGRESSO

FICHA TÉCNICA

- Título:** BARCELOS TERRA CONDAL CONGRESSO
Edição: Câmara Municipal de Barcelos
Coordenação: Comissão Executiva das Comemorações da Elevação de Barcelos a Condado (Sebastião Matos, José Viriato Capela, Carlos A. Brochado de Almeida e José Carlos Azevedo)
Capa: Arq.º António Veiga (Composição com base no actual brasão de Barcelos)
Composição e impressão: Companhia Editora do Minho S.A. BARCELOS
Tiragem: 1.000 exemplares
ISBN: 972-9138-43-5
Depósito Legal: 142676/99
Data de lançamento: Outubro de 1999
Patrocínio:  CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

 MINISTÉRIO DA CULTURA


FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Actas do Congresso Histórico e Cultural realizado em Barcelos
de
22 a 24 de Outubro de 1998

II Volume

Câmara Municipal de Barcelos
1999

A DEVOÇÃO A SANTIAGO NO CONCELHO DE BARCELOS

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha*

Há hoje um crescente interesse pelo antigo, produto sempre interessante para vender. Normalmente vende-se o que resta: moinhos, pombais, caminhos de Santiago, gastronomia, e um imenso etc.

Na opinião pública, falar hoje de Santiago é falar de caminhos, do que resta dos caminhos de Santiago.

Não quero propriamente falar dos Caminhos de Santiago da terra de Barcelos, antes da intensa devoção jacobea que foi, ao mesmo tempo, causa e consequência de um intenso trânsito de peregrinos para o célebre santuário galego que palmilharam terras de Barcelos.

1.

Para estudar caminhos antigos, precisa a gente pôr-se na pele dos velhos caminheiros, porque – como cantava o poeta – «caminante, no hay camino, / se hace camino al andar».

É por isso que a História é uma ciência muito difícil: difícil porque é (tem de ser) rigorosa, e difícil porque não é um simples conhecimento positivista.

Velhos caminhos, portanto. Há duas perguntas a fazer.

Antes de mais, **porquê?**

O Homem medieval apenas saía da sua aldeia por «ócios e negócios, devoções e paixões», quase sempre a pé (só os nobres e o alto clero o faziam doutro modo), por vias e sendas de pé posto, que estradas – fundamentalmente as romanas – havia poucas e más. Nunca, entretanto, por falta de estradas o homem deixou de se deslocar – sempre por causa de «ócios e negócios, devoções e paixões», repito. O que era muito. Nestes casos nada o demovia, nem o tempo, nem as dificuldades do caminho, muito menos as distâncias.

Um exemplo é o famoso santuário de Compostela. Se chamava peregrinos de

Doutor em Teologia e Professor na U. Católica (Porto).

centenas e de milhares de quilómetros, tinha de estar em causa qualquer coisa de muito importante, algo de transcendente ou profundamente enraizado na crença, algo de verdadeiramente religioso. Tanto assim que «quem lá não for em vida, tem de ir lá depois da morte». Não era, pois uma simples curiosidade, algo de aventureiro, ou simplesmente turístico.

Depois, **por onde?**

Esta é a questão dos caminhos físicos.

Os peregrinos jacobeus eram, na maior parte dos casos, gente simples que, quase sempre, andava a pé. Assim sendo, se em princípio utilizavam a estrada normal, fundamentalmente romana, a verdade é que, quando lhes convinha e se lhes convinha (se lhes encurtava caminho), a abandonavam pura e simplesmente e cortavam a direito, serra acima ou abaixo. Faziam-no porque queriam chegar depressa, nem que para isso tivessem de arrostar com dificuldades ou mesmo perigos suplementares.

Mas sabiam também procurar, se e onde as havia, pontes e barcas de passagem; escolhiam também os caminhos mais seguros (os salteadores foram sempre grandes inimigos de peregrinos, almocreves e caminhantes em geral) e buscavam albergarias, hospitais, mosteiros ou conventos, mesões e outros lugares de pouso, restauração e pernoita. E nunca esqueciam os santuários mais famosos que aproveitavam para visitar na passagem.

Tudo isto deixou inúmeros testemunhos espalhados no terreno: «Caminante, son tus huellas / el camino y nada más»¹. Como todos os seres vivos, por onde passou, o homem deixou a sua chancela. A peregrinação jacobea, concretamente, deixou marcas, muitas marcas, no património e na toponímia, nas devoções, nos costumes, na música e até na culinária, na cultura em geral.

Não vou discutir aqui se primeiro a galinha se o ovo. Claro que foi a devoção jacobea que originou uma intensa peregrinação. Mas foi também uma intensa peregrinação que originou uma grande devoção a Santiago. Quem viu passar-lhe à porta levadas e levadas de peregrinos compostelanos desejou ir como eles e com eles na demanda do santuário galego.

Por isso, entre nós, território hoje português, muitas das **paróquias** criadas depois da Reconquista e bastantes mesmo antes da Nacionalidade se acolheram à invocação de Santiago. Todas elas estão ao lado de estradas e caminhos que do fundo do território português ou da Via da Prata – estas atravessando o território hoje nacional – conduziam à Galiza. Para além das paróquias, pelas mesmas razões e sempre ao lado destes mesmos caminhos, nasceram as **capelas** (ermidas) de Santiago. Podemos encontrar hoje algumas a parecer perdidas em lugares inóspitos e abandonados. É sempre preciso indagar: ali passava ou passa ainda um caminho utilizado num território que funcionava segundo uma lógica diferente da actual. Não me vou demorar neste ponto. E, relativamente a **outras manifestações** do

¹ O poeta castelhano citado agora por segunda vez é António Machado («*Proverbios y Cantares*», XXIX, *Campos de Castilla*, in *Poesías completas*, Madrid: Espasa-Calpe, Col. Selecciones Austral, 1983, p. 223).

culto jacobeu, é preciso investigar tudo: feiras e festas, pontes e portos, fontes e albergarias antigas, cruzeiros, imagens perdidas em remotas igrejas e capelas, hagiotopónimos, Confrarias ou Irmandades de Santiago, tudo.

Depois, é preciso reparar que, por razões lógicas, a Santiago se colaram outras devoções (chamo-lhes devoções paralelas). Desde logo, as de **Santo Amaro**² e **São Roque**, este um peregrino romano cuja devoção se espalhou ao longo do caminho jacobeu a partir do séc. XIV: e aí estão as suas capelas e mesmo paróquias instaladas ao longo dos caminhos compostelanos.

Difícil mesmo era atravessar rios onde não havia pontes. Podiam por vezes passar-se a vau. Mas havia também as barcas de passagem: aí se implantou a devoção a **São Cristóvão**, retirado do calendário em 1969 por lendária a sua figura. Dizia a lenda que ele teria sido aconselhado por um eremita a utilizar a sua forte compleição física a ajudar peregrinos e viandantes na travessia de rios e outras passagens difíceis. E de facto, a sua devoção aparece quase sempre em lugares de travessia custosa, rios onde não havia nem haveria pontes ou outros, serranias, por exemplo.

Esta devoção seria algumas vezes substituída, quando no lugar se construiu uma ponte, pela de **São Gonçalo de Amarante**: de facto, a devoção gonçalina – que, sobretudo no Norte de Portugal, foi sempre a maior devoção popular, depois da de Santo António – aparece sempre ao lado de caminhos antigos, e muitas vezes ao lado de rios onde há uma ponte. Não se considerava na Idade Média uma «obra de misericórdia» construir uma ponte ou mesmo uma calçada a minorar as dificuldades do caminho a viandantes e peregrinos? Em todos os países ocidentais há destes vultos, a cujo *tipo* corresponde o nosso São Gonçalo de Amarante. Não se estranhe por isso, também, que ele e Santiago apareçam muitas vezes, os dois, no mesmo lugar de culto – na própria igreja de São Gonçalo, em Amarante – e até no mesmo altar.

Mas há **outras devoções** ainda, das mais diversas invocações de Jesus e de sua Mãe: Senhor do Padrão, Senhor da Boa Passagem (embora esta expressão seja, em muitos casos, sinónima de «Boa Morte», parece, no entanto, não ser descabido afirmar-se que, aqui e ali, é diferente o seu sentido), Senhor ou Senhora do Caminho, do Bom Despacho, do Socorro, dos Aflitos, do Alívio, da Guia, da Estrada,

² É evidente que, nomeadamente em terra de forte influência beneditina como é o Norte de Portugal, há uma grande confusão entre o Santo Amaro, companheiro de S. Bento (500-584), e o Santo Amaro peregrino jacobeu que cuidou dos peregrinos no Hospital de Burgos. Como abaixo se dirá, existe em Vila Cova, Barcelos, uma capela dedicada a S. Bento, Santo Amaro e S. Brás, com festa anual a 15 de Janeiro, dia da comemoração litúrgica do Santo Amaro romano com quem S. Bento fundou em 528 a Abadia de Monte Cassino. Nesta caso, pela data da festa e pela associação de Santo Amaro e S. Bento, não há dúvida. Mas estas e confusões e misturas de santos no contorno da devoção e peregrinação jacobea são abundantes, em Portugal e lá fora. E, a peregrinação jacobea potenciaria «Santo Amaro» sem mais, sem as gentes tratarem de saber de qual deles se trataria. A prova de que, também neste campo da devoção a Santiago, a síntese nem sempre foi bem feita. Nisto de méritos e intercessões, como dizia Fr. Bernardo de Brito noutro contexto, «lá saberemos no céu cuja foi a propriedade!»

da Boa Viagem, da Lapa (esta relativamente frequente a norte e no enfiamento do célebre santuário da Serra da Lapa), e até Senhora das Portas Abertas, a referir, por exemplo, uma capela sempre aberta, de dia e de noite, para que os peregrinos pudessem pernoitar ou simplesmente descansar, debaixo de telha!

Falando de devoções paralelas, não passo sem referir uma curiosidade. Em Portugal, tenho encontrado em muitas igrejas paroquiais e capelas da invocação de Santiago a devoção de Santa Apolónia, dita popularmente muitas vezes Santa Pelónia. Mas isto acontece não só em Portugal. A Confraria de Santiago de Bordéus, por exemplo, que existia já em 1493, reunia-se na capela de Santa Apolónia da igreja de S. Miguel da cidade que, mais tarde, em 1612, foi dedicada a Santiago. Seja pelo que for a parceria das duas devoções, a verdade é que as *Memórias Paroquiais de Barcelos de 1758* noticiam a devoção da mártir em Cossourado e Encourados, duas freguesias de Santiago (e ainda em Areias de S. Vicente, Crujães, Grimancelos e Santa Eulália de Rio Covo).

A **hagiotoponímia** é pois uma fonte de informação incontornável nestas questões dos Caminhos de Santiago. Muitas vezes desapareceram mesmo as paróquias, as capelas, ou as festas, tudo: mas ficou na memória popular o hagiotopónimo, a gritar que ali existiu um lugar de culto dessa invocação entretanto arruinado.

Regressando aos caminhos antigos em geral depois desta digressão pelo culto dos santos, é preciso também conhecer a **toponímia** directamente **relacionada com a viandância em geral**. Ela conserva-se praticamente intacta, e presta hoje um grande auxílio na detecção da antiga rede viária. Cito apenas alguns topónimos: Barco/a, Barqueiro/a(s), Breda, Calçada, Cálem, Cale ou Cal, Caminho, Carreira(s) e outros derivados de *carrus*, Carral, por exemplo, ou Carreiro, Corredoura, Cruz (das Almas, da Carreira), Cume, Cumiada e Cumieira, Estrada ou Estradinha, Parada, Paradinha, Passagem, Passo(s), Penso, Poldras ou Ponte, Porto ou Portela, Rua, Sendim e seus derivados.

Ao longo destes caminhos foram aparecendo, para assistir aos viandantes, a Albergaria, o Alcouce, a Estalagem, a Gafaria, o Hospício, o Hospital, o Mesão e a Pousada. Mas também a Fonte, o Padrão (topónimo que pode indicar a existência de um marco miliar romano ou de um cruzeiro tridentino) e a Venda.

As Vilas, nomeadamente as Novas, designadas ou não por um patronímico que referia um título de posse ou por um qualificativo (Alva, Boa, Chã, Cova, Franca, Fria, Meã, Nova ou Velha, Pouca ou Maior, Real, Seca, Verde ou Viçosa), as Vilelas, os Vilares, os Vilarelhos e os Vilarinhos, nasceram também ao lado destes caminhos ao longo de toda a Idade Média, bem como as Abegoarias, as Aldeias, os Burgos, as Casas e os Casais, as Igrejas e os Grijós, os Mosteiros e os Mosteirós, os Paços e os Paços, as Póvoas, do mesmo modo que, em tempo mais antigo, tinham surgido as Arcas, os Arcossós e os Arcozelos, as Bóbedas e Bobadelas, os Cidadelhes, os Marmoirais e as Moimentas.

Pelo menos uma vez em cada um destes inúmeros topónimos há lugares de culto de Santiago e/ou de São Gonçalo.

Colocá-los todos num mapa pode resultar numa aparente distribuição anárquica de pontos de referência; mas, após uma constatação cuidada, logo se conclui que

todos eles são pontos de passagem de caminhos importantes na viação portuguesa medieval e até moderna, afinal a utilizada na peregrinação jacobea. A tradição oral permite ainda a quase total detecção destas vias, nomeadamente na província, onde elas se conservam quase intactas e são ainda, por isso mesmo, muito utilizadas. Tenho, por isso, interrogado centenas e centenas de pessoas, aproveitando o conselho de Miguel Torga: «Velhos e velhas... são... a bússola a que recorro para me orientar nos caminhos que levam a terras...»³.

Falar de Caminhos de Santiago é abordar todo este universo. Eles nunca são aquilo que nós desejaríamos que fossem ou que sejam. Caminhos de Santiago são o que são, isto é, são o que foram, e existem ainda muitas vezes, íntegros e físicos: preciso é procurá-los, não inventá-los. Há para aí Caminhos de Santiago para todos os gostos, até estradas nacionais construídas há 40 ou 50 anos, ou Caminhos de Santiago para os chamados «todo o terreno»!

E estes Caminhos têm uma **espiritualidade**, isto é, são a expressão de um universo de crenças e de valores: desde logo, porque, em todos os tempos e em todas as culturas, peregrinar foi um acto profundamente religioso, no fundo uma metáfora da vida do homem. Abordá-los doutra maneira, os Caminhos de Santiago, na mira seja do que for, é passar ao lado desse acreditar, é perverter um legado, uma longa história, uma realidade que, também ela e de uma maneira única, caboucou uma Europa de diálogo e de troca, mundo de homens iguais, livres e fraternos. Porquê? É que os peregrinos de Santiago que acorriam à Galiza de todos os lugares da Europa nascente juntavam-se e conviviam nos caminhos, nas albergarias e nas igrejas espalhadas ao longo dos trajectos: dias a fio e jornadas sem fim, comungando esforços e dificuldades, ajudando-se e animando-se, trocavam crenças, ideias e valores, práticas e costumes, técnicas e estéticas, comungavam orações e misericórdias, isto é, praticavam aquele diálogo que entrou a fazer parte do melhor do espírito europeu.

Foi por isto, e só por isto, que o Conselho da Europa declarou Caminho Cultural Europeu o Caminho de Santiago e, na sua Declaração de 1988, pôde dizer: «Que a fé que, ao longo dos tempos, animou os peregrinos e, para além das diferenças e dos interesses nacionais, os reuniu numa aspiração comum, nos inspire hoje e muito particularmente os jovens a percorrer estes caminhos, em ordem a construirmos uma sociedade fundada na tolerância, no respeito do outro, na liberdade e na solidariedade».

2.

O território do actual concelho de Barcelos, assentado em território povoado desde tempos muitos antigos, o que provam a Arqueologia e uma riquíssima Toponímia, é cortado a meio, no sentido Oriente - Poente, pelo rio Cávado que tinha de atravessar quem, vindo de Sul, caminhasse para Compostela.

³ *Diário* XV, 1990, p. 185.

Rio sem pontes a jusante da do Prado, tinha no entanto várias barcas de passagem, algumas das quais chegaram até aos nossos dias. Uma delas explica mesmo – parece – o topónimo da sede de concelho. Praticamente nas suas margens, surgiu no séc. XI o mosteiro de Vilar de Frades⁴ no enfiamento de um caminho⁵ muito utilizado na peregrinação jacobea que, só em território do concelho, passava por três freguesias de Santiago, Cambeses, Sequeade e Encourados, e conhecia depois duas variantes: uma por Manhente⁶, Santa Maria de Galegos, Santo Amaro, Contriz, Pousada, Leiroinha, Assento, Alvito (S. Pedro), Leirós e Panque, rumo a Ardegão, freguesia de Santiago, Frejão e Poiães, outra freguesia de Santiago; outra por Regoufe e Freixo, rumo ao Lima.

A propósito do mosteiro de Vilar de Frades, recorde-se o que informa a *Corografia Portuguesa*: «A Freguesia he couto seu (seu, ie, do Mosteiro dos Monges bentos de S. Salvador de Villar de Frades), compõe-se de quatro, a do Mosteiro, & de S. João de Areias, & de Santa Maria Madgalena, cuja renda são sessenta mil reis, applicada aos Romeiros de Santiago, que se extinguirão, & vem aqui os fregueses, & a seguinte (isto é, a de Santiago de Encourados)»⁷.

Cortava também o concelho a meio, mas agora no sentido sentido Sul-Norte, a estrada de origem romana que, saída do Porto, depois de passar no Mosteiro da Junqueira e em Rates, vinha atravessar o rio aqui, em Barcelos, e seguia depois para Ponte de Lima, por Couto⁸ ou por Carapeços⁹, reunindo-se de novo em Cossourado, tudo freguesias de Santiago.

⁴ Na freguesia de Areias de Vilar que engloba hoje as antigas de S. João de Areias e de Santa Maria Madalena de Vilar, há uma capela de Nossa Senhora do Socorro que teve uma pintura de Santiago, que estava colocada na parede do lado direito da capela-mór (informação do Sr. Manuel, sacristão, em 1995.12.27).

⁵ São infinidade os caminhos para Santiago de Compostela, escolhidos pelos peregrinos segundo muitos critérios. Abordo, por isso, apenas os que seguem uma clara orientação Sul-Norte. Os peregrinos queriam chegar depressa e bem, salvo exceções concretas, cujos riscos ou inconvenientes eles sabiam bem que corriam.

⁶ «O mosteiro de S. Martinho de Manhente (*está*) situado tão perto do de Vilar de Frades pera a parte do Norte, que entre os dois passais de um e de outro se não mete mais que o rio Cávado que os divide» (SÃO TOMÁS, Frei Leão de – *Benedictina Lusitana*, I, Coimbra: Diogo Gomes de Loureiro, 1644, p. 407).

⁷ COSTA, António Carvalho - *Corografia Portuguesa*, I, 2ª ed., Braga, 1868, p 279. De facto, a paróquia hoje existente, cujo paroquial é a igreja do velho mosteiro, chama-se «Areias e Madalena de Vilar».

⁸ «No lugar da Ribeira» da freguesia de Lijó, passa «a estrada e muito frequente (*ie, frequentada*) que vem de Lisboa, Alentejo, Coimbra, Porto para as praças do Minho e para Santiago da Galiza» (*Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, p. 163). Este caminho, estudado em *Caminhos Portugueses de peregrinação a Santiago*, Santiago de Compostela/Porto: Xunta de Galicia/Centro regional de Artes Tradicionais, 1995, precisa ser revisto no percurso Salvador do Campo-Cossourado. Entre Salvador do Campo e Couto passava-se em Casal Melhe e Mides. Depois do Couto, vários troços do velho caminho foram indevidamente integrados em propriedade particular, pelo que é hoje muito difícil, se não impossível, fazê-lo hoje a pé.

⁹ É hoje muito difícil reconstituir este caminho entre Barcelos e Carapeços, cortado pelo Caminho de Ferro, mas que, não há dúvida, passava em Pinheiro. De Carapeços para Cossourado, não é fácil também; de qualquer modo subia-se a Sanfins de Tarnel (por Pedregal, Olival, Monte e S. Miguel), depois à Portela, onde existe um curioso cruzeiro – da Senhora da Portela – muito interessante.

A referida estrada Junqueira – Barcelos admitia uma variante que, evitando Rates, seguia por Macieira de Rates, freguesia onde, ainda hoje, se faz a festa ao Apóstolo, Goios, Santo Amaro e Moldes, que foi sede de uma paróquia jacobea¹⁰, donde seguia naturalmente para a vila condal.

Mas havia ainda uma outra grande estrada, também ela derivada de Rates. É que não só nós dois lugares citados, Barcelos e Vilar de Frades, se atravessava o Cávado. Um caminho que vinha do Sul, de Rates concretamente, depois de passar em Paradela, topónimo sugestivo na viandância antiga, e Faria, atravessava o rio em Fornelos¹¹, a seguir a Vila Seca, freguesia de Santiago, em direção a Echate, antiga freguesia de Santiago, Palme e Aldreu, também freguesia de invocação jacobea; outra alternativa era, depois de passar o Cávado, subir a Mariz, Creixomil (freguesia de Santiago), Feitos (também freguesia de Santiago) e Fragoso¹², após o que se demandava o Lima em linha recta (para Portuzelo ou Cardielos, esta também uma freguesia de Santiago) ou derivando ao Mosteiro de Carvoeiro, e daí seguindo para Fontão (Ponte de Lima), freguesia também jacobea.

Estão deste modo apontados os que me parecem ter sido os caminhos jacobeus mais importantes desta região. E digo os mais importantes, porque havia mais por certo. Já perto da Galiza, os caminhos intrincavam-se intensamente. Mas podia ainda referir a variante Barcelos, Vila Frescainha, Santo Amaro, Abade de Neiva e Feitos¹³.

Assim, e resumindo, para além das paróquias que são actualmente da invocação de Santiago (Aldreu, Cambeses, Carapeços, Cossourado, Couto, Creixomil, Encourados,

¹⁰ Podia ainda chegar-se a Moldes vindo dos lados do Douro, atravessando o Ave em Santiago de Bougado, seguindo depois por Cavalões (Famalicao), também freguesia de Santiago.

¹¹ Mais em pormenor: junto da capela de Santa Comba, em Fornelos, o velho caminho bifurca. Seguindo pela esquerda, descia-se aos velhos *Moinhos do Pedreira* (ou *Pereira?*) onde havia uma barca de passagem para as *Azenhas do Angelino* (na margem direita), e seguia-se depois para Perelhal e Enchate. De Santa Comba para a direita, descia-se aos *Moinhos da Quinta* (hoje também ditos *da Mocha*), onde ainda existe – Agosto de 1998 – um barco de passagem para Mariz, donde se passava a Coutada, Reguengo e Creixomil.

¹² Mais em pormenor: Creixomil, Campa do Frade, Penedo do Ladrão, Feitos, Bustelo, Regueira do Bouco, Chãos de Palme (onde havia umas poldras), Barranho e Fragoso. Quem fizesse este caminho, ao chegar a Fragoso, tinha de passar no Monte de São Gonçalo, de que a seguir se falará.

¹³ «Passava por esta freguesia (*de Feitos*) a antiga estrada do Porto a Santiago da Galiza. Esta estrada, partindo do Porto, vinha à ponte do Ave e à ponte do Este, à vila de Rates e daí a Barcelos. Em Barcelos, atravessava o Campo da Feira, rua dos Ferreiras, ia pelo Patarro, Carregal, Santo Amaro (S. Martinho de Vila Frescainha) a Santa Maria do Abade, Santa Margarida, em frente à igreja daquela freguesia. Dali seguia às Almas de Vilar do Monte, à Portela do Ladrão, aos Feitos e couto de Palme. Entrando no couto de Fragoso, atravessava o rio Neiva na antiga ponte, entrava no couto de Capareiros, ia por Mujães e Deão até Geraz do Lima, onde se atravessava o rio Lima no sítio de Passagem, entrava em Lanheses e dali subia à Serra de Arga, passava em Coura e Valença onde, atravessando-se o rio Minho, se passava em barca para Tuy a daqui seguia para Compostela» (FONSECA, Teotónio da - *O Concelho de Barcelos*, I, Barcelos, 1948, pp. 248-249; de seguida indicarei apenas título e página). Atendendo a que o autor diz que a Rainha Santa passou nesta estrada e, depois de Feitos, rumou a Fragoso, é curioso notar que refira também a existência de um «poço de Santa Isabel» nesta última freguesia (*Ibid.*, p. 242).

Feitos, Sequiade e Vila Seca), houve mais duas, entretanto desaparecidas, Echate e Moldes. De Regoufe não pode em boa verdade dizer-se que, como paróquia, tenha invocado Santiago como seu Orago¹⁴.

Fazendo um pouco a história destas paróquias, para avaliar da sua antiguidade, é preciso começar por afirmar que, com excepção das de Feitos e Echate, todas as mais são já ditas «de Santiago» pelo Censual de Braga do séc. XI, embora a de Aldreu seja um caso à parte, a que me referirei depois: Sancto Jacobi de Ciquiavi, Sancto Jacobo de Incoirados, Sancto Jacobo de Cosoirado, Sancto Jacobo de Asinas (nome dado à actual de Santiago de Couto), Sancto Jacobo de Magistroi (assim nomeava a actual Carapeços), Sancto Jacobo de Creiximir, Sancto Jacobo de Villa Sicca, Sancto Jacobo de Molnes e Sancto Jacobo de Cambeses. Tudo, portanto, igrejas, ou paróquias, pré-nacionais.

Em documentos não propriamente eclesiásticos como era o Censual, não é tudo tão claro. Vejamo-lo, esquecendo portanto o Censual.

A freguesia de Santiago de Moldes, que ainda no séc. XVIII (1768) se mantinha, embora já anexa a Remelhe, tem o mesmo nome nas Inquirições de 1220 («Sancto Jacobo de Molnes») e de 1258 («in collatione Sancti Jacobi de Molnes»). Em 1128, já um documento referia a «ecclesiam Sancti Jacobi de Cambeses» (dita em 1258 *collatio* «Sancti Jacobi de Cambeses»); um outro de 1164 falava na «ecclesia sancto Jacobi de Cossoirato», o que repetiriam as Inquirições que a haveriam de dizer, respectivamente, «Sancto Jacobo de Cosoirados» e «parrochia Sancti Jacobi de Cosoyrados»; finalmente, um documento de 1214 referia a «ecclesia Sancti Jacobi de Ciquiavi» que as Inquirições dos reis Afonso II («Sancto Jacobo de Ciquiadi») e III (*collatio* «Sancti Jacobi de Ciquiavy») diriam também «de Santiago».

É verdade que, em documentos de 1192, são também já referidas as de Carapeços (Carapezos) e Creixomil (Creiximir), mas ditas simplesmente *ecclesias*; só as Inquirições de 1220 as diriam «de Santiago» («Sancto Jacobo de Carapezos» e «Sancto Jacobo de Creiximir»), e as de 1258 *paróquias* («parrochia Sancti Jacobi de Carapezos» e «parrochia Sancti Jacobi de Creiximir»)

Um caso especial é o da freguesia Aldreu: Um documento de 1163, tal como o referido Censual, falam na «ecclesia Sancti Jacobi de Palmi»; por sua vez, as Inquirições de 1220 – repetindo entretanto esta informação: «Sancto Jacobo de Palmi» – dão também notícia de um mosteiro em Palme. Até essa altura a paróquia de Palme incluía o território actualmente pertencente a Palme e a Aldreu. Em 1258, fala-se já em duas paróquias, a de Santo André de Palme e a de Santiago de Aldreu. Ambas constituíam o couto do mosteiro de Palme: fala-se então em «Sancto Jacobo et Sancto Andre [que] jazem in esse couto» «do davandito mosteiro».

¹⁴ Em Regoufe, cuja *heremita* de São Salvador entretanto tornada *parrochia*, é citada, respectivamente, nas Inquirições de 1220 e 1258, existia em 1758 «uma capela (*de Santiago*) mas já profanada, sem telhado nem portas, metida entre uns campos no mesmo sítio de Regoufe» (CAPELA, José Viriato e BORRALHEIRO, Rogério - *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Barcelos, 1998, p. 19; de seguida indicarei só o título e a página), o que faz supor o desaparecimento, anterior àquela data, da paróquia de (São Salvador de) Regoufe, com a subsequente transformação da velha paroquial em ermida, entretanto arruinada já naquele ano, da invocação de Santiago.

«Sancto Jacobo de Asinas» chamava o Censual de Braa à actual freguesia do Couto, recorde. As Inquirições de 1220 chamam-lhe, entretanto, «Sancto Jacobo de Tamial», e as de 1258 *parrochia* «Sancti Jacobi de Cauto de Cidi».

Afora o Censual, também só pelas Inquirições de 1220 ouviremos de Encourados («de Sancto Jacobo de Encoirados de Cauto de Martim»)¹⁵, de Vila Seca («de Sancto Jacobo de Villa Sicca»), e de Echate («Sancto Jacobo de Eixati»). Todas elas são referidas depois pelas Inquirições de 1258: Encourados chama-se *collatio* «Sancti Jacobi de Encoyradus», Vila Seca *collatio* «Sancti Jacobi de Villa Sicca», e Echate é então «parrochia Sancti Jacobi d Exati frio».

A paróquia de Feitos, de todas, a mais tardia, deve ter sido criada só no séc. XIV e englobou a de Echate, de quem herdou o Orago.

Esta lista longa de nomes e complicada de datas serve para concluir que a devoção de Santiago estava profundamente na região, pelos séculos XI, XII e XIII.

Ficaram entretanto, no terreno, outras memórias desta intensa devoção jacobea. Antes de mais nada, é preciso não esquecer que há vieiras insculpidas no portal da igreja matriz, e que na própria cidade, houve uma ermida de Santiago¹⁶. Memória de uma intensa peregrinação jacobea? O Padre Luís Cardoso não fala dela. No entanto, transcreve um documento relativo à aparição da Santa Cruz, de 22 Dezembro de 1504, que diz que ela se verificou «no meyo da estrada, que vay, e corre da dita Villa [*de Barcelos*] para Santiago da Galiza, e outras partes»¹⁷.

Eventualmente, esta capela não foi a única no território do concelho. É possível que tinha existido uma outra em Fragoso, onde ainda se conserva um topónimo *Santiago*¹⁸ e uma terceira – da invocação de Santiago e S. Sebastião (1569) – na extinta freguesia de Banho, como diz o *Igrejário* de Braga. Ainda em Fragoso existiu uma Confraria de Santiago. Outras Confrarias desta invocação existiram em Creixomil e Encourados. Em Cambeses houve uma Irmandade de Santiago.

Na freguesia de Feitos, praticamente no cruzamento do antigo caminho que subia de Echate para Bustelo com a estrada nacional Barcelos-Viana, existe um curioso nicho do Apóstolo numa casa que bordeja a estrada. Numa outra casa antiga, do lugar do Assento, junto da paroquial de Encourados, foi colocado um curioso painel de azulejos representando Santiago, em que a devoção do Apóstolo aparece já misturada com a tridentina das Almas.

Vários cruzeiros do concelho aludem ainda à devoção jacobea: o da Alheira¹⁹, o da capela da Senhora da Portela²⁰ e o de Vila Seca. Mas também as Alminhas de

¹⁵ A Encourados chamam documentos de 1104 e 1108, respectivamente, «villa Incourados» e «villa de Coriatos».

¹⁶ *Corografia Portuguesa*, I, *ob. cit.*, p. 262.

¹⁷ CARDOSO, Luís - *Diccionario geografico...*, II, Lisboa, Officina Sylviana, 1747-1751, p. 44.

¹⁸ COSTA, Américo - *Dicionário Corográfico*, 12 vols., Lisboa, 1929-1949.

¹⁹ Este cruzeiro, dito popularmente «de Santiago», foi «deslocado para este sítio do lugar da antiga igreja de Bustelo», MATOS, Sebastião - *Cruzeiros e alminhas de Barcelos*, Barcelos. Património, nº2 Barcelos: Câmara Municipal, 1994, p. 57.

²⁰ Idem. – p. 223. Diz-se que este Cruzeiro pertence à freguesia de S. Fins de Tamel; o *Dicionário Corográfico* de Amaral Frazão, 1981, di-lo de Aborim.

Santo António (Aldreu) e as de Encourados têm Santiago representado.

Mas um outro tipo de notícias recolhidas um pouco ao acaso pode compor um pouco melhor as dimensões da devoção jacobea por estes lados.

Nas Inquirições de 1220, o pároco da Várzea declara que na paróquia do mosteiro que aí existia (havia três paróquias ditas Várzea: a do mosteiro, a de St^a Eugénia e a de S. Jorge) só compareceram a declarar 4 dos 6 chefes de família da paróquia, porque «duo ... sunt ad Sanctum Jacobum».

Em 26 de Maio de 1336, Domingos Pires, abade de S. Cristóvão de Faria²¹, deixou um maravedi à capela de S. Tiago da Sé de Braga e outro à Confraria de S. Tiago da Cidade, e nove soldos à albergaria de Santiago de Braga²².

Na freguesia de Airó, no Paço dito de Airó (posteriormente chamado dos Vilas-Boas), Diogo Fernandes Vilas-Boas – é Pinho Leal que o relata²³ – arvorou no pináculo do velho castelo que existiu num lugar particularmente alto da freguesia, a palma que recebera em Domingo de Ramos, em cumprimento de um voto que fizera a Santiago.

Em 26 de Abril de 1325, Martinho Nunes, cónego da Sé de Braga e reitor da igreja de S. Pedro de Aliste²⁴, deixa no seu testamento, entre muitas outras determinações, dinheiro à ponte de Barcelos²⁵. «Durante parte da Idade Média foram consideradas obras de assistência empedrar caminhos lamacentos e, muito mais, edificar pontes e instituir barcas de passagem gratuita. Mais que a fundação de uma albergaria ou hospital foi então considerada obra de caridade e santa a construção de uma ponte em local de passagem»²⁶.

As leprosarias, também chamadas gafarias, «muitas estavam situadas nas imediações do caminho de Santiago, embora tal localização não tenha relação directa com as peregrinações», se bem que «ocasionalmente, elas acolhessem também peregrinos vítimas daquela enfermidade»²⁷. Por isso, na documentação medieval e moderna, aparecem inúmeras doações às mais variadas gafarias. É o caso de Horraca Petri que, em 1177, deixa «ad gafos de vimaranis et de bragaa et de barcelos singulas telegas»²⁸; de Iohannes Laurencius que, em 1178, testa «ad leprosos de Barzelus ipsa hereditate de nautanes»²⁹; de João Peres, Cónego de

Guimarães, que, em testamento de 8 de Maio de 1294, manda «a todellas gafarias de Pontes tres libras as Dantre Douro e Minho»³⁰; ou de Dom Fernando Guerra, Arcebispo de Braga, que, no seu testamento de 30 de Julho de 1791, deixa «aos gafos da Gafaria de Barcelos dez libras»³¹.

Muitas destas gafarias eram colocadas sob a protecção de S. Lázaro³², razão por que se chamavam também lazaretos. De facto, em Portugal, existem com frequência ermidas de S. Lázaro ao longo dos velhos e mais utilizados caminhos jacobeus que abrigam por vezes imagens de Santiago ou mesmo de São Gonçalo³³. Ou o contrário: ermidas de Santiago ou de São Gonçalo em que se prestava também culto a São Lázaro.

Mas a de São Lázaro não é a única devoção que se colou à do Apóstolo Santiago. Entramos no domínio das devoções *paralelas*.

Desde logo Santo Amaro. A sua devoção está suficientemente implantada no concelho de Barcelos: várias capelas lhe foram dedicadas, ao lado dos caminhos já referidos (em Abade de Neiva³⁴, onde se faz uma festa a 15 de Janeiro; em Chorento, em Macieira de Rates, em Santa Maria de Galegos; em Vila Cova, esta dedicada a S. Bento, Santo Amaro e S. Brás, com festa anual; e ainda em Santa Maria de Faria, no lugar da Igreja³⁵); e há ainda um Cruzeiro e umas Alminhas de Santo Amaro em Abade de Neiva, dois Cruzeiros em Chorento, e um outro em Santa Maria de Galegos, frente à respectiva capela³⁶.

De S. Cristóvão só encontrei a sua devoção numa vasta área deste concelho, que

³⁰ AMAPG, *Cartulário de Testamentos e doações ao Cabido*, t. I, doc. 160, p. 426. Como pode ver-se na documentação medieval, muitas destas gafarias estavam situadas à beira de pontes, «não longe das povoações e mesmo nas suas entradas e saídas, embora existam não poucas em afastados lugares de montanha e em itinerários de importância secundária» (*Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, ob. cit., t. I, Madrid, 1948, p. 410).

³¹ AMAPG, *Cartulário de Testamentos e doações ao Cabido*, t. II, doc. 238, p. 425. Esta gafaria de Barcelos é anterior a 1178 (CORREIA, Fernando da Silva - *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa: Henrique Torres, 1944, p. 435).

³² Segundo uma lenda borgonhesa, depois da Ressurreição de Jesus, Lázaro, o pobre que desejava as migalhas que caíam da mesa do rico e a quem os cães lambiam as chagas (Luc 16,19-31), portanto leproso, teria desembarcado na Provença onde – continua a lenda – viria a ser bispo de Marselha. Tornar-se-ia o patrono dos leprosos e, curiosamente, dos padeiros... estes porque, trabalhando de noite, viviam, como aqueles empestados, de algum modo afastados dos ritmos de vida das pessoas normais. Na Palestina, fundou-se uma Ordem de S. Lázaro, «orientada pela regra de Santo Agostinho, havendo entre os cavaleiros, além de clérigos e padres, os leigos, que podiam casar. Em geral, dedicavam-se ao tratamento de leprosos, mas muitos deles faziam voto de tratarem igualmente qualquer espécie de doentes». Esta Ordem foi trazida para França em 1154 (CORREIA – ob. cit., p. 189).

³³ É, por exemplo, o caso da capela de S. Lázaro que existe junto da ponte de Alfena (Valongo), também dita «de São Lázaro», na qual existe uma imagem de São Gonçalo.

³⁴ Julgo que esta capela de Santo Amaro é a que Teotónio da Fonseca diz existir em S. Martinho de Vila Frescaíña (*O concelho de Barcelos*, I, Barcelos, 1948, p. 249).

³⁵ *Ibid.*, II, p.157.

³⁶ MATOS, Sebastião o. c., p. 103.

²¹ Nas Inquirições de 1220, incluída na Terra de Faria, aparece uma paróquia dita, sem mais, de São Cristóvão.

²² MARQUES, José – *O culto de S. Tiago no Norte de Portugal*, separata de *Lusitania Sacra*, 2^a série, 4 (1992) 41.

²³ LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, I, Lisboa, 1873, p. 303.

²⁴ Trata-se de S. Pedro de Este, Braga, freguesia citada no Censual de Braga do séc. XI como «de Sancto Petro de Aliste» e em documento de 1230 como «ecclesie Sancti Petro de Aliste».

²⁵ Pergaminho LXXX da Colegiada de Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães (AMAPG). O documento não é original mas sim uma cópia não autenticada.

²⁶ ALMEIDA, C. A. Ferreira de – *Os Caminhos e a Assistência no Norte de Portugal*, Lisboa 1973, p. 47.

²⁷ PARGA, LACARRA e RIU – *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. I, Madrid, 1948, p. 410.

²⁸ *Vimaranis Monumenta Historica*, II, Vimarane, 1929, p. 97.

²⁹ *Ibid.*, p. 98.

compreende as freguesias de Barqueiros, Cristelo³⁷, Vila Seca³⁸ e Fornelos, onde se realiza actualmente uma procissão de S. Cristóvão em automóveis, pelas quatro freguesias. Como explicação desta manifestação, disseram-me que por causa dos muitos comerciantes de peixe que ali habitam. Parece-me, no entanto, mais significativo o facto de toda essa zona se situar defronte do Cávado, cuja travessia nem sempre se tornava fácil, mesmo na Barca do Lago. E São Cristóvão era o advogado das travessias difíceis!

A São Gonçalo de Amarante dedicou o Norte de Portugal uma grande devoção. Patrono dos caminhantes, e por isso invocado nos muitos casos de fracturas ósseas, a sua devoção apegou-se particularmente ao caminho de Santiago, nomeadamente em lugares onde havia pontes ou era bom que elas fossem construídas, mas, de todo em todo, sempre ao lado de caminhos jacobeus. No concelho de Barcelos foi particularmente intensa, o que, atendendo a que na zona não existiu nenhum convento dominicano, tem particular significado.

Em Cristelo havia uma imagem de São Gonçalo na paroquial, como dizem as *Memórias Paroquiais*, de 1758³⁹, e que ainda ali se venera; em Abade de Neiva, houve uma ermida de S. Gonçalo, «no monte imediato ao Couto de Fragoso», «a qual se demoliu com as ruínas que causam os tempos»: «Lá hão clamores com grande devoção». A imagem foi guardada na igreja paroquial⁴⁰. E, em Sequiade, houve pelo menos *obrigação* de construir uma capela a São Gonçalo, como comprova um documento de 1661 do Igrejário de Braga.

Este «monte imediato ao Couto de Fragoso» dá algo que pensar. A quem, passado o rio Cávado, se dirige para norte, rumo ao Lima, depara-se-lhe uma serra, a dividir os dois vales, não fácil de atravessar. Como, também nestas coisas da peregrinação há advogados para tudo, chamou-se-lhe Serra ou Monte de São Gonçalo. Falam dela três párocos nas *Memórias Paroquiais* de 1758.

O de Feitos informa assim: há uma serra de «São Gonçalo que terá de comprido, de Nascente a Poente, três quartos de légua, e tem seu princípio na freguesia de S. Fins de Tamel onde chamam a Senhora da Portela e finda no Vale de Palme»⁴¹. E o de Fragoso desta maneira: «É um monte que parte do Nascente, que se chama monte de São Gonçalo numa parte, e daí perde o nome e toma ordinariamente os das freguesias onde chega que são os seguintes: Tragoza, Durrães, Quintiães, Santa Lucrecia de Aguiar, Santa Maria de Abade e outras» e «houve uma capella de Sam Gonçalo em o alto della que por isso lhe dá o nome mas está hoje deserta sem a imagem do santo e arruinada sem telhado e as paredes cahidas ate o meio»⁴².

Mas o Pároco de São Salvador de Ginjo dá uma versão um pouco diferente: «Em

Sanfins está no dito monte (ou serra de Louzado) uma capela de São Gonçalo do qual tem aí o monte o nome», o qual «principia na freguesia de Santa Maria de Abade, vizinha da vila de Barcelos, corre do Sul para o Norte até à Senhora da Portela e daí corre para o Nascente até às agras de Gazemão que ficam entre a freguesia de Alheira e a de Igreja Nova, e se cultivam e dão pão»⁴³.

Tratar-se-á da mesma serra? Creio bem que sim. A elevação de terreno que se oferece a quem, passado o Cávado, tinha de subir para Ponte de Lima, vencia-se melhor com a ajuda de São Gonçalo. E cada pároco descrevia-a, a serra, a partir do seu ponto de mira e não com cuidado de geógrafo. Num alto da montanha, existiu uma capela de São Gonçalo, certamente no perímetro de Abade de Neiva: é que foi nesta paroquial que se guardou a imagem «com as ruínas que causam os tempos». Entretanto, no território de Fragoso, num lugar dito Monte de São Gonçalo, há umas Alminhas de sua invocação⁴⁴.

De qualquer modo, é ainda curioso o facto de o rio que desce desta serra de São Gonçalo e que, depois de regar toda a freguesia de Feitos, vai desaguar ao Cávado na freguesia de Perelhal, se dizer, também ele, «de São Gonçalo», embora os autores do mapa 1:100 000 do Instituto Geográfico e Cadastral, folha 5 (Braga), o chamem Sapogal (!). Faz-me lembrar a informação do Pároco de S. Martinho de Galegos que, querendo falar *fino*, transformou o topónimo Sanhoane em S. Nuani, nas *Memórias Paroquiais* de 1758⁴⁵!

De S. Roque, no concelho de Barcelos, paradoxalmente não conheço nada.

Fiz uma breve passagem pela hagiotoponímia e mesmo pela geografia do concelho de Barcelos. Os lugares de culto jacobeu do território que aqui nos interessam, concelho de Barcelos, todos eles ao lado de caminhos importantes na viandância antiga, nomeadamente na que se dirigia a Compostela, são a memória colectiva de um intenso tráfego dirigido em peregrinação à Galiza. As povoações que mais peregrinos viram passar rumo à Galiza votaram ao Apóstolo um culto que foi intenso nesta região. E hoje já quase não percebemos porquê!

3.

Muitos e muitos peregrinos, milhares certamente, passaram por terras de Barcelos na demanda de Compostela. Da maior parte não sabemos o nome; de alguns podemos pensar que andaram por aqui. É certamente o que faz Teotónio da Fonseca quando, no seu trabalho sobre Barcelos, afirma que «pela antiga Estrada Real»⁴⁶ passou nesta freguesia (*de Feitos*), segundo a tradição, a rainha D. Mafalda, a rainha Santa Isabel, indo em piedosa romagem a Santiago da Galiza, el-rei D. Manuel I

³⁷ Na capela da Senhora do Rosário, em frente da paroquial de Cristelo, existe uma imagem de São Cristóvão.

³⁸ Na paroquial de Vila Seca há uma imagem de São Cristóvão.

³⁹ *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, p. 115.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 6.

⁴¹ *Ibid.*, p. 126.

⁴² *Ibid.*, p. 134.

⁴³ *Ibid.*, p. 148.

⁴⁴ MATOS, Sebastião. – *o. c.*

⁴⁵ *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, p. 139.

⁴⁶ Ver nota 13.

em 1505, a Rainha D. Maria II e seu marido D. Fernando, o príncipe real D. Pedro e o infante D. Luís, indo para Viana em Maio de 1852, e no seu regresso a Barcelos⁴⁷. De facto, poderão todos ter passado por terras de Barcelos, embora seja muito difícil provar que tenham efectivamente utilizado esta estrada.

Seja como for, de alguns peregrinos sabemos com exactidão onde atravessaram terras de Barcelos, pois conhecemos com relativo pormenor o seu trajecto. Vamos a ver, um por um.

O relato de peregrinação mais antigo que conheço foi escrito pelo alemão **Nicolau Lanckman de Valckenstein**, capelão imperial, que, em 1451, veio a Lisboa integrado na embaixada enviada a Lisboa para celebrar os esponsais do imperador Frederico III da Alemanha com D. Leonor de Portugal, filha de D. Duarte e de Dona Leonor. Tendo aproveitado a viagem para passarem em Compostela, só depois se dirigiram a Lisboa por Valença, Barcelos, Porto, Coimbra, Santa Maria da Batalha e Alcobaça⁴⁸.

O embaixador e seus companheiros – escreve o relator Nicolau – chegaram «à primeira cidade do reino de Portugal chamada Valença, que havia sido em tempos cidade de pagãos e é hoje uma cidade bem fortificada e construída com grandes e altas torres. Acorreu o povo a ver os cavaleiros... Este reino de Portugal está sob grande vigilância por estar nos confins da terra e poder ser atacado a partir de muitas ilhas do mar. Seguiram depois por castelos, vilas e lugares desse reino até à cidade em que um príncipe, o Duque de Barcelos (*Dux de Porcellis*), tem residência. Daí (*passaram*) até à cidade do Porto».

Dez anos depois, dirigir-se-ia também a Compostela **Nicolau de Popielovo** (ou von Popplau), natural da Silésia, da cidade de Breslau (Wroclav), onde nascera em meados do séc. XV, que foi um viajante incansável, apesar dos seus graves problemas de saúde. Em Junho de 1484, dos Países Baixos (Antuérpia), embarcou para Compostela onde chegou a 21 de Julho. Daí baixou a Lisboa, por Valença: «De Valença alcancei a cidade de Ponte de Lima que dista de Barcelos umas cinco milhas; dali até Rates são duas...»⁴⁹.

Não conheço o relato integral do *Itinerarium* da viagem que, em 1494, **Jerónimo Munzer** fez de Inglaterra à capital portuguesa e daí a Compostela⁵⁰. Munzer foi um grande viajante e cientista alemão do séc. XV, particularmente interessado pelas navegações portuguesas, e veio a Lisboa falar pessoalmente com D. João II sobre o assunto. Viajou depois, a pé, de Coimbra até Santiago, passando pelo Porto, Barcelos, Ponte de Lima e Valença⁵¹:

⁴⁷ *Ibid.*, p. 232.

⁴⁸ Ver o relato desta viagem in *Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha*, edição do texto latino e tradução de Aires A. Nascimento, Lisboa: Cosmos, 1992.

⁴⁹ *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, traducidos del original y anotados por F. R., Madrid: Casa Editorial de Medina [1878], pp. 17.

⁵⁰ Há uma edição parcial deste texto em português feita por VASCONCELOS, Basílio de – *Itinerário do Dr. Jerónimo Muntzer*, in revista *O Instituto*, t. 80 (1930) pp. 549 ss, e vol. 83 (1932), pp. 140 ss (publicado apenas o trajecto de Sevilha a Lisboa e daí a Santarém).

⁵¹ PARGA, LACARRA e RIU - *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. I, Madrid, 1948, p. 241.

«A 9 [de Dezembro de 1494] saímos do Porto e encaminhamo-nos para o pequeno lugar de Barcelos, a oito léguas, situado num monte aos pés do qual passa um rio que vem de Braga, antiga cidade, chamada Augusta noutros tempos. No dia 10, à primeira hora da tarde, empreendemos a jornada em direcção a Ponte de Lima, povoação que toma o seu nome do rio Lima, bastante grande e atravessado por uma ponte de dezoito olhos. Jantámos numa venda e logo depois andámos mais três milhas para chegar naquela noite a Cossourado [*da Paredes de Coura*]⁵².

À ida para Compostela, em 1502, **D. Manuel I** esteve aqui em Barcelos a 9 de Novembro, donde enviaria uma carta⁵³. Já no regresso da sua peregrinação a Santiago, em Ponte de Lima, a 24 do mesmo mês, assinaria uma outra concedendo quinze mil reais de tença a Tristão Francês, «nosso hóspede, morador na Vila de Pontevedra, havendo respeito ao serviço que dele recebemos em sua casa, quando ora fomos em romaria ao bem aventurado apóstolo Santiago» Sabemos portanto com relativa exactidão que foi entre 9 e 24 de Novembro de 1502 que D. Manuel I esteve em Santiago da Galiza⁵⁴.

Em 1531, **D. Edme de Saulieu, Abade de Claraval** entre 1509 e 1552, esteve no nosso país em visita aos mosteiros cistercienses portugueses do ramo de Claraval, então em risco de quebrarem a união à casa-mãe. A 22 de Junho, passou em Compostela, mas rapidamente se dirigiu para Lisboa a fim de solicitar a D. João III a necessária autorização para as visitas a efectuar em Portugal. Acompanhado do seu secretário **Claude de Bronseval**, seria este a escrever o diário desta «Peregrinatio Hispanica» que, de resto, nem sempre fizeram os dois em conjunto⁵⁵.

Saídos de Compostela, entraram em Portugal a 29 Junho, por Vila Nova de Cerveira, depois de terem atravessando o Minho numa barca. Dirigiram-se – dizia – a toda a pressa para Lisboa, passando – em quanto ao Norte diz respeito – em Viana da Foz do Lima, Belinho, Barca do Lago, Rates, Vilar do Pinheiro e Porto, tocando portanto os limites ocidentais do actual concelho de Barcelos. Acossados pelo calor – «com a sede, a língua colava-se-nos ao céu da boca» –, o monge francês descreve sinteticamente a impressão que lhe ficou de toda esta região litoral: «é pouco fértil, os seus habitantes são francamente rudes, ignorantes e selvagens, e vivem metidos entre os montes e o mar que lhes estão próximos; não se preocupam com as coisas divinas e, muito ocupados com os negócios temporais, não lhes interessam, segundo parece, as coisas espirituais»⁵⁶.

⁵² «Viaje por Portugal y España», versão espanhola de Julio PUYOL, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, 24 (1924) 217.

⁵³ *Chancelaria de D. Manuel*, Livro 21º, fl 13v.

⁵⁴ Ver FREIRE, Anselmo Brancamp - *Gil Vicente Trovador Mestre da Balança*, 2ª edição, Lisboa, 1944, p. 54.

⁵⁵ Sobre a viagem de Bronseval, ver COCHERIL, P. Maur - «Le Portugal et la «peregrinatio Hispanica» de frère Claude de Bronseval», in *Revista Portuguesa de História* (Homenagem ao Prof. Pierre David, Vol 1), Coimbra, 1955, pp. 169-216.

⁵⁶ A parte do relato que se refere ao concelho de Esposende foi publicada por SOARES, Franquelim Neiva - *O concelho de Esposende na Peregrinação Hispânica de 1431-1533*, in *Jornal «Nascer de Novo»*, Esposende, Dezembro de 1986 e Janeiro de 1987.

O notável humanista **Nicolau Clenardo** (1493?-1542), chamado a Portugal como professor do futuro Cardeal D. Henrique, saiu de Évora em peregrinação ao santuário galego a 30 de Julho de 1537, donde saiu, visitado o túmulo apostólico, a 22 de Agosto. «À volta de Compostela, andou uns cinco dias “em roda de Braga”, em visita a algumas aldeias do Minho. Deixando em Ponte de Lima o caminho da cidade dos arcebispos, desandou sobre Viana, onde o bom flamengo foi objecto de risota, como passeasse a terra armado de espada e esporas, com que “feria o ar mas não o cavalo”. Daqui seguiu para Barcelos, “lugar humilde”. Não pôde impedir-se de estabelecer o paralelo entre o Duque de Bragança e o Duque do opulento Brabante, ao contemplar a pobreza da vilória, com grande desvantagem para aquele. No dia seguinte tomou por Tebosa em direcção a Guimarães»⁵⁷. Por onde passou de Viana a Barcelos, poderá perguntar-se? Creio não andar muito longe da verdade se disser que utilizou a já referida Estrada Real.

O mais conhecido relato de peregrinação compostelana cumprida em terra portuguesa é o que escreveu o Padre **Juan Bautista Confalonieri**, secretário de Fabio Biondo da Montalto, Patriarca de Jerusalém e Colector papal em Portugal. Saídos de Lisboa, chegaram a Barcelos a 29 de Abril de 1594.

«(...) [depois de Rates] segue-se Barcelos, vila do Duque de Bragança, rodeada de muralhas, com uma muito grande ponte, de arcos compridíssimos, sobre o rio Cávado. Diante e fora da vila há arrabaldes e, mesmo em frente, um bellissimo carvalho. Tem casas pequenas, de terra a maior parte, em cuja metade superior sobressaem uma espécie de alpendres. Ruas largas, compridas e rectilíneas. Daqui, fomos comer à Ponte das Tábuas – que na realidade é de pedra – sob a qual passa outro rio. Nesta manhã fizemos cinco léguas, desmesuradamente compridas, oito horas; apenas encontrámos uma casota para nos abrigarmos.

Nota sobre a região de entre Douro e Minho. Encontram-se a cada passo fontes e rios. A região é fresca. Há um pouquinho de floresta mas também montanhas peladas, bem como terra agricultável mas sem gente que a cultive. Encontrei um boi que, com a pata, atirava terra para cima de si, a fim de espantar as moscas. Fazia-se a sementeira do milho: enquanto um lavrava, outro semeava e outro ainda cobria, com dois bois e um instrumento plano de madeira que corria sobre o campo. Conforme se avançava no caminho, para os cavalos só [se encontrava palha de] centeio.

Às 4 da tarde, saímos para a Correlhã (...)»⁵⁸.

Em 1669, o Grão-Duque da Toscana **Cosme III de Medicis** (1670-1723), acompanhado de grande séquito, viajou a Compostela, talvez para fugir à moléstia do seu viver familiar e ao tédio do palácio florentino. Chegou a Compostela em Março do ano seguinte, 1670, depois de ter entrado em Portugal, por Badajoz, a 9 de Janeiro,

⁵⁷ CEREJEIRA, M. Gonçalves *O Renascimento em Portugal, I – Clenardo*, Coimbra, 1974, pp. 118-119.

⁵⁸ CONFALONIERI, Juan Bautista e MELÉNDEZ, Juan M. López-Chaves *El Camino portugués*, Vigo: Amigos de los Pazos, p. 25.

e de ter pernoitado em Rates talvez de 27 para 28 de Fevereiro⁵⁹ e de – dizem os estudos a que me reporto, que não conheço o texto original – ter feito no dia seguinte a viagem de Viana a Caminha; falta portanto o da viagem de Rates a Viana, certamente feito pela Barca do Lago, tendo portanto tocado os limites ocidentais do actual concelho de Barcelos. Desta viagem há dois relatos, da autoria de dois dos acompanhantes de Cosme de Medicis. Muito diferentes os dois autores, Corsini e Megalotti, são no entanto preciosas as informações e mesmo as impressões que recolhem que vão do geográfico ao costumeiro, passando pela arte e pelo mundo religioso.

Menos de vinte anos depois, **Domenico Laffi**, um sacerdote bolonhês, grande devoto de Santiago que tinha já peregrinado a Compostela três vezes (1666, 1670 e 1673), sempre a pé e vestido de peregrino, faria em 1687, uma nova peregrinação, mas desta vez a Lisboa, à casa natal de Santo António. Uma vez ali, não resistiu entretanto e empreendeu uma quarta peregrinação a Compostela. O relato desta viagem acaba de ser publicado em português⁶⁰.

«Quando estava para partir de Lisboa e regressar à minha pátria, já que tinha chegado ao destino da minha viagem, e considerando que nos faltava ver o mais belo do reino de Portugal, isto é, a zona nortenha confinante com a Galiza, decidi, estando aí, visitá-la e com ela também o resto do reino da Galiza, até Compostela, de que não conhecia a parte sul»⁶¹.

Segue então por Alcobaça, Aljubarrota, Leiria, Coimbra e Albergaria-a-Velha para o Porto.

«No Porto – relata Laffi – tive que parar seis dias, por causa de fortes dores nas costas que não me permitiam mexer. Fui à Companhia da Misericórdia, formada por verdadeiros cavaleiros que, depois de terem averiguado o meu problema, me aceitaram amavelmente, tratando a indisposição. Inteiramente restabelecido ... parti com o meu companheiro⁶² desta tão nobre cidade a 5 de Outubro [de 1687]

⁵⁹ Escrevo «talvez», porque o artigo de que me sirvo para colher esta notícia (CAUCCI, Paolo «Relato del viaje de Cosme de Medicis», parte do cap. III de *Las peregrinaciones italianas a Santiago*, Santiago de Compostela: Porto y Cia, pp. 81/92), informa que a jornada de 27 de Fevereiro de 1669 foi entre Moreira (da Maia) e S. Pedro de Rates e a do dia seguinte decorreu entre Viana a Caminha. Falta portanto a jornada entre Rates e Viana. Não é mais esclarecedora a comunicação de VON SAUCKEN ao I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela, *La via Lusitana en los relatos de los peregrinos italianos* (in *Actas*, Lisboa: Távola Redonda, 1992, p. 246).

⁶⁰ CUSATIS, Brunello de – *O Portugal de seiscentos na “Viagem de Pádua a Lisboa” de Domenico Laffi*, Lisboa: Presença, Julho de 1998. Ver ainda *Las peregrinaciones italianas a Santiago*, op. cit., pp. 93.104, e VON SAUCKEN, Paolo G. Cauci – *La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos*, in (Actas do) *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa: Edições Távola Redonda, 1992, pp. 245-259.

⁶¹ CUSATIS, ob. cit., p. 105.

⁶² Trata-se de Giuseppe Liparini, um frade menor conventual que o acompanhara já na sua viagem «in Ponente» de 1673 (assim se intitulava a obra que publicava os relatos das suas viagens anteriores, *Viaggio in Ponente à S. Giacomo di Galitia, e Finisterra*, publicada em 1673, relativamente às duas primeiras, e, em 1676, relativamente a estas duas mais a de 1673.

e, deixando à nossa direita a cidade de Braga, fomos a Rates, à distância de 5 léguas. Durante este trajecto, sempre por colinas e vales férteis, encontrámos umas 6 pequenas aldeias. Deixada Rates, fomos a Viana, cidade e porto de mar lindíssimo»⁶³.

É natural, portanto, que tenha seguido o mesmo itinerário de Cosme de Médicis, pela Barca do Lago. Curioso que, a seguir ao texto transcrito, Laffi relate, em bom estilo, uma forte tempestade de vento que o atirou por duas vezes ao rio, certamente que o Lima.

Antes porém de fazer o relato da viagem, Laffi esmera-se a apresentar Lisboa e o «reino de Portugal». É aqui que se refere duas vezes a Barcelos. A primeira, incluindo-a entre as «cidades [mais] notáveis» do país, para além da capital: Braga, Porto, Guimarães, «Barcelos, ducado dos primogénitos de Bragança», Caminha, Viana, Ponte de Lima, e «Castelo Escalabitano de Santa Iria» (Santarém). Na segunda, diz assim:

«Há ainda de notável perto de Barcelos, numa pequena igreja, chamada do Bom Jesus, uma estátua de Cristo que leva a cruz. No território circum-adjacente a essa igreja vêem-se, em alguns tempos, formadas na terra, várias cruces grandes, em particular durante a solenidade da Invenção e Exaltação da Cruz e a Sexta-Feira Santa, dias em que afluí, por devoção, uma grandíssima quantidade de pessoas; e, embora levem a sobredita terra, as cruces ficam sempre marcadas. É o que dizem os habitantes do dito sítio»⁶⁴.

O relato das peregrinações que **Nicolás Albani**, um napolitano, fez a Compostela a partir de 1743 é particularmente importante pelas ilustrações que lhe juntou, uma sobretudo, verdadeira banda desenhada, em que conta o assalto de que foi vítima na Serra da Labruja e de que resultou a morte do próprio assaltante. O relato manuscrito a que me refiro está dividido em 2 volumes. O primeiro narra a sua viagem de Nápoles a Santiago (4 de Junho de 1743 a 8 de Dezembro do mesmo ano). O segundo relata a peregrinação que fez de Compostela a Lisboa, iniciada a 12 de Dezembro de 1743 (durante a qual se registou o referido assalto), a sua estadia em Lisboa durante um ano, e o seu retorno a Compostela em 1745, Ano Santo compostelano (aonde chegou a 3 de Outubro de 1745). Se, da primeira vez, Albani viajou de Ponte de Lima para Vila do Conde («caminhei todo o dia sobre a areia, à borda do mar», sem especificar por onde), da segunda, a caminho de Compostela, veio mesmo por Barcelos⁶⁵.

⁶³ CUSATIS, *ob. cit.*, p. 105. Embora não conheça o texto original, permito-me discordar da tradução portuguesa que cito. Julgo que Laffi terá querido dizer o seguinte: «No território circum-adjacente a essa igreja, vêem-se, em certas alturas, feitas com terra, várias cruces grandes, em particular durante a solenidade da Invenção [a 3 de Maio] e da Exaltação da Santa Cruz [a 14 de Setembro] e da Sexta-Feira Santa ... e, quando *retiram* a sobredita terra [com que são feiras as cruces] ...». «Traduttore traditore!»

⁶⁴ *Ibid.*, p. 109.110.

⁶⁵ ALBANI, Nicola – *Viaje de Nápoles a Santiago de Galicia*, versión castellana de Isabel González, Madrid: Edilán, 1993, p. 237.

«Pelas 4 da tarde [do dia 20 de Janeiro de 1745] segui viagem [a partir do Porto], mas tive um péssimo tempo de frio e chuva, sem encontrar refúgio onde abrigar-me, pelo que aceitei ser levado numa mula por um homem a cavalo que havia encontrado numa chã. Mas tive de pagar-lhe dois tostões, que são praticamente trinta granas. Ele pôs-me a salvo ao fim da tarde, em Barcelos, a quatro léguas do Porto. Aí dirigi-me a uma boa hospedaria, onde sequei a roupa que estava toda molhada pela chuva, caridade que me fez a boa ama da casa, tendo tido embora de pagar um suplemento pela lenha que se gastou, que aqui está caríssima. Saiba-se, de resto, que esta é uma grande vila, encostada ao rio Barcella, que lhe passa mesmo ao meio, e que tem uma soberba ponte, toda de mármore branco e de grande magnificência.

Na manhã do dia 21, segui o meu caminho e pela tarde cheguei a uma miserável hospedaria no meio do campo, onde nem sequer havia pão, mas tão só vinho, a três léguas de Barcelos.

No dia 22 do mesmo mês, abalei dali e, durante todo o dia, tive um péssimo tempo de chuva. Mas o pior foi que se fez noite e eu ainda a caminho e sem encontrar uma casa que fosse, onde pudesse alojar-me. Entretanto, graças a Deus, vi ao longe uma luzinha como de uma vela e caminhei para ela envolvido na horrível obscuridade da noite em que eu nem a mim próprio me via. Embora sem conhecer aqueles lugares, alcancei milagrosamente a dita luz, junto do pequeno palheiro de um pobre camponês que ali mesmo me alojou com grande caridade. Por falta de lenha, com uma enorme quantidade de palha, foram quatro ou cinco feixes, aqueceu-me e secou-me toda a roupa. Pela caridade que me fez, na manhã seguinte, decidi deixar-lhe dois carlins. Eu estaria a umas quatro léguas da hospedaria donde saíra na manhã anterior.

No dia 23 prossegui viagem e, pela tarde, cheguei a Monte de Lima (*sic*).»⁶⁶

Em 1611, pode ter passado também aqui **Jacobo Sobieski**, pai do rei da Polónia D. João III (1624-1698). Sobieski foi um viajante incansável, nomeadamente a França (Paris). Em 1611 veio a Compostela e daí desceu a Lisboa. Como etapas deste caminho, cita apenas Valença, Ponte de Lima, Porto, Coimbra, Lisboa e Coima. Embora não refira Barcelos, admito que aqui tenha passado, a julgar pelo modo sucinto e rápido com que informa do trajecto.

«Ponte de Lima, a cinco milhas de Valença tem uma ponte de pedra, comprida e larga, e de tal formosura que, em meu parecer, não há em toda a cristandade outra que se lhe compare em factura, beleza e magnificência. O Porto é uma formosa cidade, principal de Portugal, situada entre montanhas, alegre pelos seus rios, com um muito bom porto que lhe deu o nome. É como se fora uma segunda Lisboa». Na parte final do seu relato, Sobieski estende-se depois a dizer que, em Portugal, as pousadas são más (não têm camas nem colchões, os clientes é que devem possuí-los), a alimentação a mesma coisa, os viajantes é que têm de se prevenir com géneros e cozinhá-los, que não os há à venda (com excepção de coelhos). Diz finalmente que «os estalajadeiros são ladrões»⁶⁷.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 253.

⁶⁷ *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, *ob. cit.*, pp. 233-267.

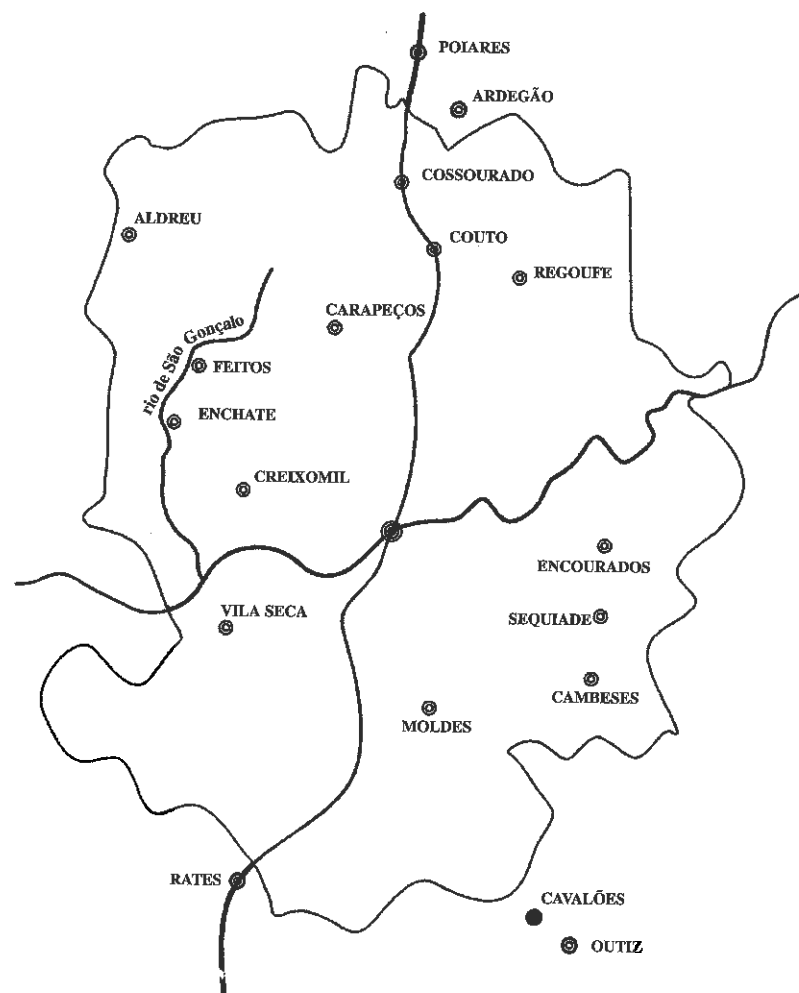
4. A fechar

Terminando com Sobieski a dizer que, em Portugal, «os estalajadeiros são ladrões», não posso deixar de referir a lenda do galo de Barcelos, de matriz claramente jacobea, repetida ao longe e ao perto, a registar alguma das dificuldades que o peregrino de Santiago encontrava pelo caminho. Não apenas dificuldades, é verdade, também, e sobretudo, experiência humanas e religiosas inolvidáveis e marcantes, que os caminhos de Santiago foram vias de diálogo e cultura, de troca e aquisição de conhecimentos e experiências, de técnicas e estéticas.

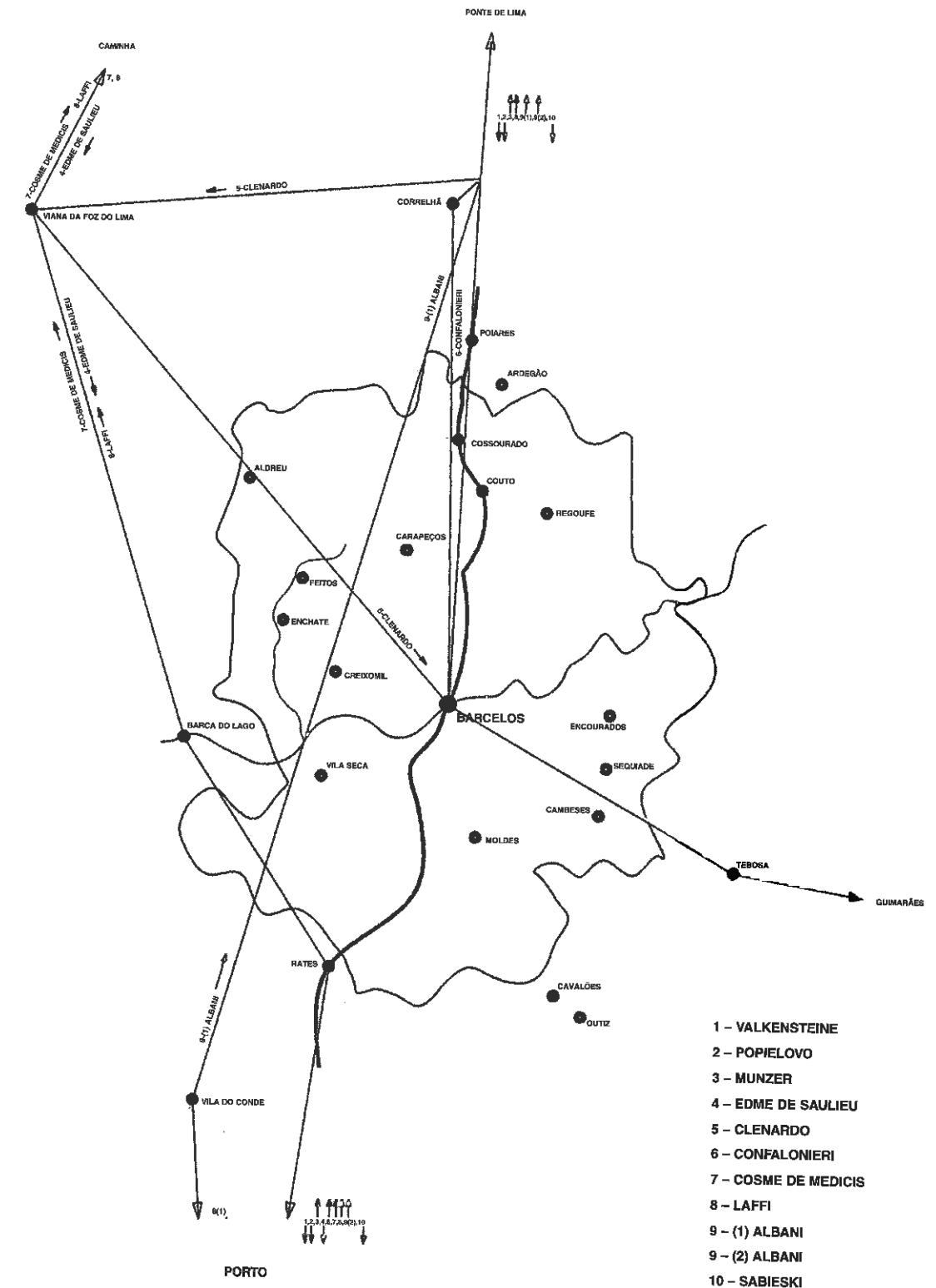
Hoje como ontem. Por isso o Conselho da Europa declarou Caminho Cultural Europeu o Caminho de Santiago.

Deixem-me só dizer – e isto é um apelo – que para quem faz hoje o caminho de Santiago, seguindo antigos trilhos, e passando naturalmente por Barcelos, é uma pena e um transtorno não poder dispor, aqui mesmo, de um espaço para montar tendas, com sanitários e chuveiros. Será pedir demais?

O concelho de Barcelos e seus lugares de culto jacobeu



Itinerários de peregrinos jacobeu por terras de Barcelos



Caminhos jacobeus no concelho de Barcelos

